



Entre lampejos e caminhos: representações e experiências da paisagem do Noroeste do Paraná

Francisca da Silva Reis ¹  

Marciel Lohmann ²  

Karla da Silva Rocha ³  

Willian Henrique Kurunczi Ferreira ⁴  

Larissa Cristina Figueiredo Ramiro ⁵  

Destaques

- A imersão na realidade permitiu-nos ressignificar nossas concepções dos lugares e da paisagem.
- A vivência da paisagem, permite a ampliação do conhecimento por meio dos sentidos.
- Entendemos a paisagem como o vínculo que conecta a expressão do lugar.

Resumo: Os lampejos referem-se aos breves olhares pela paisagem proporcionados pelos movimentos das viagens e caminhos percorridos. Eles também refletem uma escrita livre que permite uma narrativa sobre os lugares e paisagens do Noroeste do Paraná. As descrições e reflexões que materializam nossas narrativas sobre essa região foram expressas através de fotografias, textos e relatos, representados por três momentos marcantes. O primeiro foi a observação da erosão linear, evidenciada por uma voçoroca em uma propriedade privada. Outro vislumbre significativo foi a visita aos Três Morrinhos, situado no município de Terra Rica. O terceiro e último lampejo ocorreu na região do município de Porto Rico, nas margens e ilhas do rio Paraná. A leitura dessas paisagens fortalece nossos laços e memórias, permitindo-nos vivenciar a paisagem como um "lugar" repleto de significados.

Palavras-chave: três morrinhos; voçorocas; rio paraná; percepção da paisagem; atividade de campo.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

² Professor Doutor do Curso de graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

³ Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre (UFAC).

⁴ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL).



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

BETWEEN FLASHES AND PATHS: REPRESENTATIONS AND EXPERIENCES OF THE LANDSCAPE OF NORTHWEST PARANÁ

Abstract: The flashes refer to the brief glances at the landscape provided by the movements of the journeys and paths traveled. They also reflect a free writing that allows a narrative about the places and landscapes of the Northwest of Paraná. The descriptions and reflections that materialize our narratives about this region were expressed through photographs, texts and reports, represented by three remarkable moments. The first was the observation of linear erosion, evidenced by a gully on a private property. Another significant glimpse was the visit to Três Morrinhos, located in the municipality of Terra Rica. The third and final flash occurred in the region of the municipality of Puerto Rico, on the banks and islands of the Paraná River. Reading these landscapes strengthens our bonds and memories, allowing us to experience the landscape as a "place" full of meanings.

Keywords: three morrinhos; Gullies; Paraná River; perception of the landscape, field activity.

ENTRE DESTELLOS Y CAMINOS: REPRESENTACIONES Y VIVENCIAS DEL PAISAJE DEL NOROESTE PARANÁ

Resumen: Los destellos hacen referencia a las breves miradas al paisaje que proporcionan los movimientos de los viajes y caminos recorridos. También reflejan una escritura libre que permite una narrativa sobre los lugares y paisajes del Noroeste del Paraná. Las descripciones y reflexiones que materializan nuestras narrativas sobre esta región fueron expresadas a través de fotografías, textos y reportajes, representados por tres momentos notables. La primera fue la observación de la erosión lineal, evidenciada por un barranco en una propiedad privada. Otro vistazo significativo fue la visita a Três Morrinhos, ubicada en el municipio de Terra Rica. El tercer y último destello ocurrió en la región del municipio de Puerto Rico, a orillas e islas del río Paraná. La lectura de estos paisajes fortalece nuestros vínculos y recuerdos, permitiéndonos experimentar el paisaje como un "lugar" lleno de significados.

Palabras clave: tres morrinhos; Barrancos; Río Paraná; percepción del paisaje, actividad de campo.

INTRODUÇÃO

Em viagem, a primeira impressão que temos dos lugares, geralmente vem das características contidas na paisagem. Essa perspectiva proporciona a observação de uma variedade de elementos presentes nela. No entanto, a percepção depende do olhar atento, como destaca Patrocínio (2013, p. 30), que ressalta a importância de "um olhar que realmente enxergue". A ação de observar evoca o conceito tradicional de paisagem para a Geografia, a definição dada por Santos (1988, p. 21) "[...] tudo que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc."

Os lampejos referem-se aos breves olhares pela paisagem, proporcionados pela velocidade do movimento do veículo. Assim, passamos rapidamente por vegetação, relevo, ocupações, construções, casas, comércios e plantações. Patrocínio (2013, p. 36) ressalta a janela como uma ferramenta para a leitura e percepção da paisagem, destacando que ela "constitui-se também como uma forma de diálogo com o ambiente urbano, uma forma de interagir com a cidade. Seja pela vista privilegiada, que coloca o passageiro a uma altura específica da paisagem urbana".

Esses lampejos também refletem uma escrita livre, que permite que a narrativa sobre lugares e paisagens flua livremente. O texto não se limita a descrever características naturais, mas busca entrelaçar o “olhar dos outros” com a paisagem. Para além da visão de paisagem centrado no olhar do Geógrafo, existe o olhar dos outros com as paisagens. Nabozny (2011, p.34) discorre sobre diferentes possibilidades de se olhar para a paisagem, destacando três abordagens distintas. A primeira enfoca as “ sensibilidades e nos sentimentos positivos e/ou negativos nas relações espaciais”. A segunda se concentra na “interpretação hermenêutica da paisagem”. Por fim, a terceira abordagem analisa os “simbolismos das marcas e das matrizes na produção de diferentes significados atribuídos às paisagens”

Quando Nabozny (2011, p.31) caracteriza o olhar do geógrafo ele constata que “Uns priorizam o olhar dissecador das estruturas visíveis; outros aportam mais a observação, enquanto um encontro com os objetos, expandido outras dimensões [...] e assim ele destaca o “papel que as concepções de cultura influem na formação do olhar do geógrafo e suas relações com a paisagem”.

Os outros olhares, integra as diferentes interpretações da paisagem pelos diferentes grupos sociais mediante suas inter-relações sociais. Esse ponto de vista vai de encontro com o que afirma Amaro e Brandão (2014, p.52) “ao conhecer os espaços seria necessário, percorrer todos os seus lugares, para assim, tomá-los em sua totalidade”. O que abordamos e discutimos são perspectivas derivadas de experiências particulares, tomadas a partir de uma parte do todo, pois na “escala do corpo, o horizonte é o limite dos territórios. Até onde alcança o olhar”.

Os relatos descritos seguem a lógica da “experienciação”. Entendemos a paisagem como o elo que conecta a expressão do lugar. A partir das dimensões da

paisagem tecemos nossas reflexões e compreensão de mundo. Nossas experiências de mundo nos fazem experienciar novos lugares e paisagem. As descrições, reflexões e representações se materializam quando construímos nossas narrativas sobre os lugares e as paisagens utilizando fotografias, inscritas e relatos como meio de expressão e representação. Pois elas demonstram o cotidiano, os elementos simbólicos e as paisagens visíveis e invisíveis (Nogueira, 2020).

O estudo busca refletir sobre a paisagem do Norte do Paraná demonstrando as experiências individuais através de descrições, fotografias e relatos, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dimensões da paisagem. Com essas perspectivas, observamos as formações geomorfológicas, os testemunhos geológicos, exemplares biogeográficos e cursos fluviais, projetando sobre eles nossas próprias significações, leituras e interpretações.

Dessa forma, observa Nogueira (2020, p.13) que os lugares se configuram dentro de diversas dimensões e que essas dimensões “[...] vêm a nós como paisagem, que por sua vez, também estão carregadas de forma, função, conteúdo, signos, símbolos e afetividades, se intercruzam demonstrando a dimensão da existência humana”.

Antes de chegarmos aos pontos especificados, nossos olhos alcançam através das janelas do ônibus as emblemáticas araucárias; essa espécie vegetativa representa uma das características marcantes da paisagem do Sul, com a sua forma singular, pessoalmente é uma característica natural dessa região que muito encanta os olhos. No ônibus o olhar experiente da professora, ao avistar uma araucária no percurso, entusiasmou-se com a presença de resquícios de uma floresta antes espessa e preservada.

Isso nos traz a reflexão sobre as evidentes transformações na paisagem, devido ao impacto da agricultura, principalmente o café outrora abundante nessa região, hoje predominam os cultivos da laranja e milho, e a construção dessa estrada por onde passamos. Tais usos, com o tempo, resultaram na escassez das florestas de araucárias, agora representadas por fragmentos perdidos no caminho. Avistar uma araucária tornou-se um momento de vislumbre.

Nesses lampejos pelas janelas do ônibus é possível observar as mudanças no relevo, permitindo perceber a transição do planalto da formação Serra Geral

para a formação Caiuá, dessa forma, passamos para um relevo mais uniforme (Beckhauser, Silveira e Baldo, 2021). No geral vemos um mix de paisagens, relevos mais ondulados, ora regiões mais aplainadas, cultivos, casas, vegetação densa de pequeno porte.

O campo é uma oportunidade singular para conhecer as espacialidades e geografias do Sul do Brasil. Representa uma valiosa ferramenta pedagógica na formação do sujeito (Souza, 2017). Supera a imaginação dos livros, levando-nos às nossas próprias percepções e interpretações dos lugares, paisagens e espaços, configura-se como um:

Um registro original, que terá como característica uma interação entre o perceptível (a paisagem como um todo e seus elementos compositores) e a história de vida pessoal, relembrando-aí o cognitivo e o afetivo previamente estruturados (Sansolo, 2000, p. 140).

A importância da atividade de campo para a Geografia é destacada por Gomes (2017, p. 56), que relata as ideias de Orlando Valverde sobre a experiência de campo como uma etapa importante na “produção do conhecimento geográfico” e na formação de uma “geografia consistente”.

Para Valverde, geógrafo que valoriza profundamente o trabalho de campo, este representa uma experiência completa e agrega “uma incomparável e insubstituível imersão na realidade, colocando o pé na estrada e descobrindo o mundo por meio de conversas e observações da paisagem” (Souza, 2017, p. 18). Ele destaca a necessidade de um olhar reflexivo e interrogativo sobre a paisagem, permitindo ir além da sua simples aparência.

Caminhos e Interpretações da Paisagem do Noroeste do Paraná

A paisagem é um elo crucial para nossas observações e interpretações, e a forma como a apreendemos depende do nosso posicionamento enquanto observadores, o sujeito não apenas observa, mas também vivencia, transforma e reconstrói a paisagem. Como sujeitos observadores, ressignificam suas concepções, fazem comparações e se posicionam de maneira consciente sobre a própria influência. Assim, vemos a paisagem em suas complexidades e no arranjo que se estabelece ao longo do tempo e do espaço.

Para Machado (2012, p. 3) a leitura da paisagem e como a experienciamos é mediada pelas dimensões do cognitivo, afetivo e pela vivência.

A paisagem é, então, vivida como um prolongamento do próprio corpo e, por meio de conquistas sensório-motoras, podemos nos movimentar e realizar nossas atividades ao longo de toda a nossa vida (Machado, 2012, p. 3).

Destacamos três momentos marcantes, que envolve observações geográficas com interpretações pessoais, que serão representados por meio de fotos e descrições, a primeira delas foi a observação da erosão linear caracterizada por uma voçoroca, uma erosão de grande magnitude dentro de uma propriedade privada (Figura 1). A escolha de visitar esse fenômeno geomorfológico, descrito nos livros como um dos processos erosivos de dinâmica complexa, é de grande importância para a construção do conhecimento geográfico sobre os fenômenos.

A visita a essas voçorocas e outros locais destacados foi uma forma de conectar a teoria com a realidade do campo, proporcionando uma experiência direta do fenômeno geográfico assim como observa Nogueira (2020), uma aproximação do pesquisador com aquilo que se ver.

Embora os pesquisadores sublinhem que compreender como o fenômeno funciona é essencial, é igualmente crucial desenvolver soluções para mitigar seu avanço (Guerra, Bezerra e Jorge, 2023). Essa região é conhecida pela frequência de voçorocas, o que motivou a observação prática do fenômeno, além das teorias discutidas em sala de aula.

Diferentes fatores contribuem para esse processo de erosão natural. Essas se manifestam por meio de interações naturais obedecendo a dinâmica do ambiente, sendo principalmente modeladas pelo fluxo hídrico e intensificadas pelas chuvas e pelas atividades humanas (Beckhauser, Silveira e Baldo, 2021).

Essas últimas têm um impacto significativo no que diz respeito às mudanças de uso do solo. Um exemplo claro é a mudanças na infraestrutura realizadas longe da área de erosão. Trata-se de uma canalização das águas pluviais que contribuiu com a rápida evolução da erosão.

Figura 1 - Voçoroca em Paranavaí, Paraná, Brasil. Figura A, detalhes da Voçoroca. Figura B, visão panorâmica da voçoroca. Figura C, Entorno da erosão com detalhes para pastagem



Fonte: Autores (2023).

Podemos compreender dois efeitos distintos: o onsite e o offsite. O efeito onsite refere-se à ocorrência na própria origem do processo, estando diretamente ligado à erosão em si e à influência humana que intensifica esse fenômeno. Por

outro lado, o efeito offsite ocorre distante da origem do processo inicial que desencadeia a erosão. No entanto, ele está relacionado às consequências desse processo erosivo inicial, manifestando-se ao longo do percurso da voçoroca.

Entre essas consequências, destaca-se a perda de grande volume de solo, que interfere na perda da vegetação, implicando no escoamento da água e interferindo no uso agrícola. A principal consequência do efeito offsite é o assoreamento dos cursos d'água oferecendo danos para a qualidade da água (Guerra, Bezerra e Jorge, 2023). Isso evidencia o impacto desses efeitos e a importância de estudar e prevenir esses processos.

Outros breves olhares pela paisagem, foi a visita aos Três Morrinhos (morro testemunho). O Parque Municipal Três Morrinhos é reconhecido pela Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP) como um Sítio Geológico. Situado em uma área de Mata Atlântica remanescente, o parque encontra-se cercado por grandes propriedades por plantações de eucalipto, áreas de pecuária e cultivo de cana-de-açúcar, o que isola os morros e dificulta a conexão com outras faunas (Beier, Ferreira e Poleto, 2019).

É nítido perceber a dimensão da transformação dos processos naturais e humanos. Pois tempos atrás, toda essa paisagem se encontrava na altitude desse morro, de relevo residual de aplainamento cretáceo, esse geossítio localizado na parte sul da Bacia Bauru, “observam-se texturas e estruturas sedimentares eólicas de dunas do antigo Deserto Caiuá” (Fernandes *et al.*, 2012, p.1).

Como indicam Beier, Ferreira e Poleto (2019, p.1524), nesse remanescente de relevo, é possível encontrar espécies endêmicas tanto da fauna quanto da flora.

Foram identificados elementos fitogeográficos da savana-estépica, da família das cactáceas como *cereus hildmannianus* (Mandacaru) e o *Cereus euchlorus* F. A. C. Weber ex K. Schumann 1897 (espécie descrita como xique-xique), figura 2b, em maiores concentrações e densidades de indivíduos. São identificadas espécies fitogeográficas do cerrado (savana) para a área do parque municipal dos Três morrinhos identificadas em diferentes faces dos morros, sendo as espécies até o momento identificadas, angico-do-cerrado (*Anadenanthera peregrina*), Cajueiro-do-cerrado (*Anacardium humile*), Capitão-do-campo (*Terminalia brasiliensis Camb.*), tendo sido observadas e coletadas outras espécies sem ainda ter efetuado o processo de exsicata e sua identificação (Beier; Ferreira; Poleto, 2019, p. 1524).

A visita ao parque proporciona uma rica oportunidade para aprender sobre a geologia e biogeografia da região. Além disso, a área é propícia para a prática de voo livre de asa delta e outras atividades esportivas (Fernandes, Couto e Santos, 2012) (Figura 2).

Figura 2 - Três Morrinhos, Terra Rica, Paraná, Brasil



Fonte: Autores (2023).

Subir até o cume do morro consistiu numa mistura de muitas sensações (subir, parar, respirar, pensar em voltar, desistir, continuar, avançar). Apesar dos desafios, a chegada ao topo foi recompensadora, proporcionando uma vista impressionante (Figura 3). Sem contar as oportunidades educativas proporcionadas pelas aulas de geomorfologia demonstrando as estruturas geomorfológicas que constituem e explicam a origem das formas constituintes do lugar. As explicações da professora de biogeografia, falando do contexto de biodiversidade em que configura o parque, sua importância para a flora e fauna da região.

Figura 3 - Três Morrinhos, Terra Rica, Paraná, Brasil. Figura A, trilha de subida do morro. Figura B, Cume com vista do morro . Figura C, explicações educativas

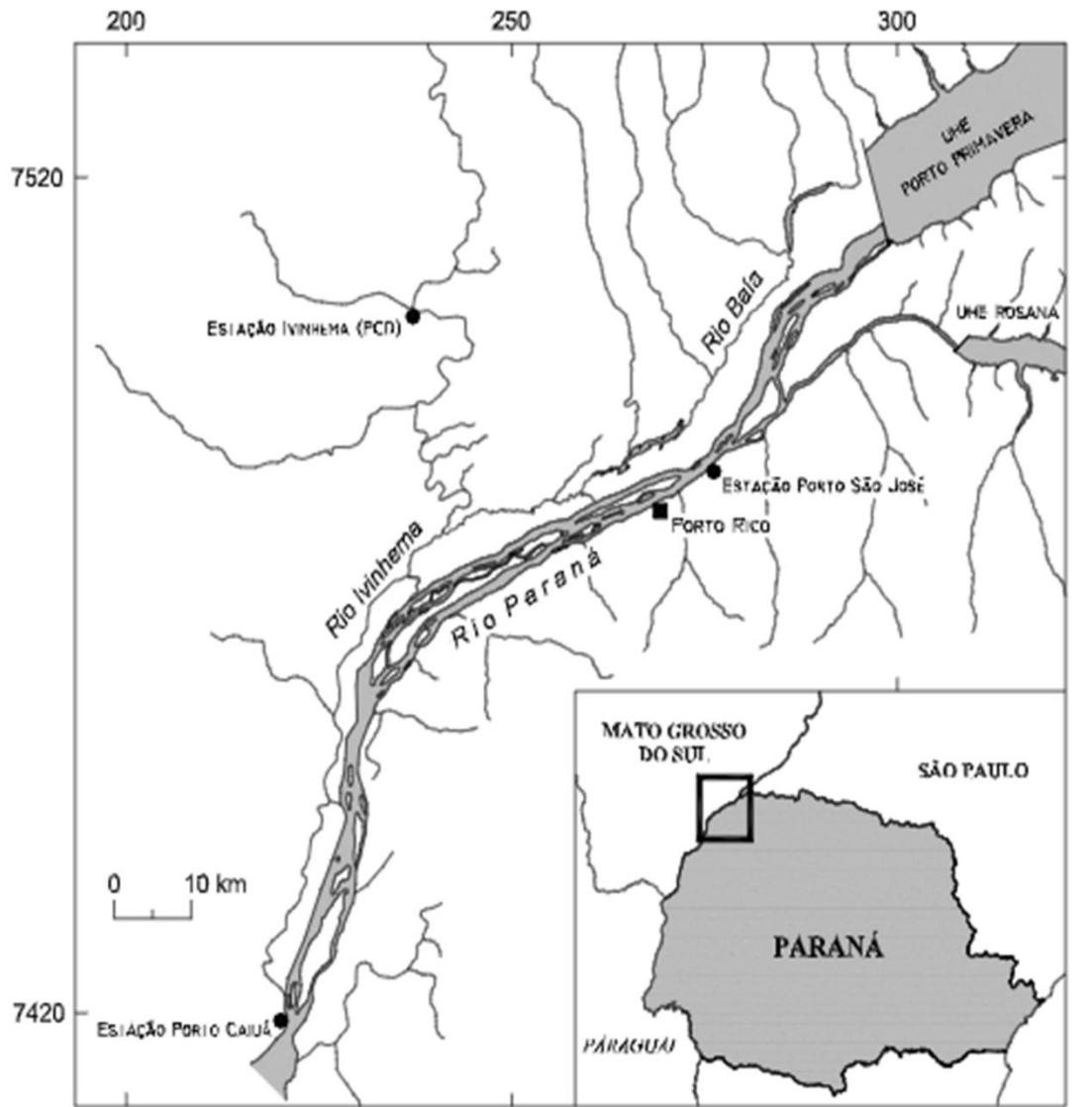


Fonte: Autores (2023).

O terceiro e último lampejo foi na região onde se localiza o município de Porto Rico, compreendida pelas margens e ilhas do rio Paraná, numa área que vai, aproximadamente, da foz do rio Paranapanema até o início do Lago da Usina Hidrelétrica de Itaipu (Paiola e Tomanik, 2022). Porto Rico se encontra na

unidade Geomorfológica que corresponde a margem esquerda do rio, constituída por arenitos da Formação Rio Paraná (Figura 4).

Figura 4 - Localização do Rio Paraná no trecho de Porto Rico



Fonte: Meurer (2002).

Através do rio Paraná, a segunda maior bacia hidrográfica da América do Sul, é possível romper os limites territoriais com diversos países (Cremon, 2009). Por suas vias, chegamos até a divisa com o Mato Grosso do Sul, atravessamos o limite do Paraná. Nesse momento, percebe-se que ao chegar a Mato Grosso do Sul, estaríamos mais perto do Norte, faltando apenas percorrer mais dois limites territoriais, os estados de Mato Grosso e Rondônia. Interessante pensar que através dos rios, as distâncias se encurtam e aproximam a ligação entre os

lugares porque os rios são como estradas que nos levam aos mais diferentes destinos.

Figura 5 - Trecho do rio Paraná, Porto Rico, Paraná, Brasil



Fonte: Autores (2023).

No entanto, a situação do Rio Paraná, a segunda maior bacia hidrográfica do país, cujo as águas se encontram em condições de ser barradas e bloqueadas por usinas hidrelétricas, faz com que os lugares se distanciam do que aproximam. A construção das usinas hidrelétricas se dá por uma escolha política econômica, o que faz com que a navegação tenha uma importância exígua.

Observar essa paisagem de dentro do barco, aguçou o olhar surpreso de alguém que é guiado pelo horizonte das águas desse rio pela primeira vez. Um rio imenso de margens largas se assemelha aos rios amazônicos, com algumas diferenciações. Esse emoldurado do rio, revela suas características, com uma tonalidade clara e límpida, o Rio Paraná se abria à medida que o barco percorria seu leito, cercado por vegetação arbórea e arbustivas de cor verde forte, simbolizando o viço e abrigando uma diversidade de seres (Figura 5).

Diversidade que se expressa também no âmbito dos sujeitos que habitam suas margens e o interior de suas matas, que vivem em função da dinâmica do rio, tendo-o como fonte de transporte realizando o ir e vir das populações de ribeirinhos e pescadores. A sua grandiosidade também expressa o tamanho dos problemas causados pelas usinas hidrelétricas que barra as águas do rio Paraná, interferindo no modo de vida dos ribeirinhos.

A construção das hidrelétricas de Porto Primavera no Estado de São Paulo e de Itaipu no Paraná também trouxe impactos adversos para o ambiente e para os organismos que ali habitam, inclusive para as comunidades ribeirinhas. As barragens alteraram o nível do rio, mantendo-o abaixo do normal. Esses processos têm influenciado o ciclo de reprodução dos peixes (Silva; Tomaniki, 2011, p. 221).

As suas margens, revelam os fragmentos de rochas estratificadas por deposição e com formação de marmitas modelado pela água, acrescenta um componente geológico fascinante do percurso (Figura 6).

Figura 6 - Rio Paraná, Porto Rico, Paraná, Brasil



Fonte: Autores (2023).

A leitura dessas paisagens nos faz crescer laços, memórias, fazendo-nos ter uma leitura “Paisagem como lugar”, “repleta de significados”. Essa leitura expressa para Machado diferentes formas de vivenciar a paisagem:

À medida que conhecemos a paisagem (cognitivo), desenvolvemos sentimento em relação a ela (afetivo). É assim que o homem experiencia (vivência) e comprehende o mundo. A paisagem é, então, vivida como um prolongamento do próprio corpo e, por meio de conquistas sensório-motoras, podemos nos movimentar e realizar nossas atividades ao longo de toda a nossa vida (Machado, 1995, p. 43).

Assim também expressa Farah (2008) o ser humano se liga ao lugar pelos aspectos da natureza. Esta é a sensação que temos sempre que visitamos alguns lugares, construímos nossas memórias a partir do que visualizamos ou sentimos, seja na apreensão do tipo de vegetação, tamanho, cores, cheiros, tudo aquilo que fica registrado por nossos sentidos através da paisagem. Portanto “pode ser entendida como uma forma cultural de interpretar e assimilar a natureza e o meio físico” (Farah, 2008, p. 39).

CONCLUSÃO

A oportunidades de vivenciar esses momentos, permeados principalmente por conhecimentos geográficos demonstra a importância da imersão junto a realidade como sujeitos ativos que ao observar diretamente, ressignificam suas concepções, superando o conhecimento dos lugares apenas pelos livros e desenvolvendo suas próprias percepções e interpretações dos lugares, paisagens e espaços. Essas experiências, permitem a ampliação do conhecimento por meio dos sentidos, incluindo a visão, a audição, o tato e o olfato.

Os relatos apresentados seguem a lógica da “experienciação”. Encaramos a paisagem como o vínculo que conecta a expressão do lugar. Com base nas dimensões da paisagem, desenvolvemos nossas reflexões e entendimento do mundo. Nossas experiências nos levam a vivenciar novos lugares e paisagens. As descrições, reflexões e representações ganham forma quando construímos nossas narrativas sobre esses lugares e paisagens, utilizando fotografias, textos e relatos como meios de expressão e representação.

Os pontos destacados foram recortes observados da totalidade que representa o Noroeste do Paraná, representado nos breves olhares, porém atento e reflexivo sobre a paisagem percorrida, destacando a necessidade de ir além da sua simples aparência. Percebemos não só os aspectos físicos, mas também os aspectos sociais: as pessoas, suas falas, sentidos e emoções. Essa experiência proporcionou não apenas aprendizado acadêmico, mas também uma aproximação às paisagens e processos que moldam essa região.

REFERÊNCIAS

- AMARO, F. R.; BRANDÃO, C. R. Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 48-59, 11 jun. 2014. DOI: [10.22409/geograficidade2014.42.a12899](https://doi.org/10.22409/geograficidade2014.42.a12899).
- BECKHAUSER, M. C.; SILVEIRA, H.; BALDO, M. C. Análise da dinâmica evolutiva de uma voçoroca no distrito de Sumaré em Paranavaí. **Brazilian Geographical Journal**, Ituiutaba, v. 12, n. 2, p. 20–38, jul./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/BGJ-v12n2-a2021-57203>.
- BEIER, E. V.; FERREIRA, M. E. M. C.; POLETO, C. Teoria dos refúgios florestais aplicada ao Morro Três Irmão [ie Irmãos], Terra Rica-PR. In: Simpósio sobre Sistemas Sustentáveis, 5., 2019, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: GFM, 2019. Disponível em: [Teoria dos refúgios florestais aplicada ao Morro Três Irmão \[i.e. Irmãos\], Terra Rica - PR \(ufrgs.br\)](https://teoria.refugiosflorestais.ufrgs.br/Morro%20Tr%C3%Aas%20Irm%C3%A3o%20[i.e.%20Irm%C3%A3os],%20Terra%20Rica%20-%20PR%20(ufrgs.br).pdf). Acesso em: 24 julho. 2024.
- CREMON, E. H. **Leques aluviais na calha do Rio Paraná**: morfometria e relações geomorfológicas. Maringá, 2009. 56 f. Monografia (Bacharel em Geografia). Universidade Estadual de Maringá, 2009.
- FARAH, I. **Poética das árvores urbanas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ. 2008. 226p.
- FERNANDES, L. A.; COUTO, E. V. do; SANTOS, L. J. C. Três Morrinhos, Terra Rica, PR- Arenitos silicificados de dunas do Deserto Caiuá testemunham nível de superfície de aplainamento K-T. 2012. In: WINGE, M.; SCHOBENHAUS, C.; SOUZA, C. R. G.; FERNANDES, A. C. S.; BERBERT-BORN, M.; SALLUN FILHO, W.; QUEIROZ, E. T. (Edit.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. 1 ed. Brasília: Serviço Geológico do Brasil. 2013. Disponível em: https://sigep.eco.br/sitio058/sitio058_impresso.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.
- GOMES, P. C. da C. A Geografia segundo Orlando Valverde: um testemunho. Orlando Valverde. In: SUERTEGARAY, D. M. A.; DE PAULA, C. Q.; PIRES, C. L. Z.; SILVA, C. A. da. (org.). **Orlando Valverde**: o geógrafo e sua obra. Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2017. p. 41-64.

GUERRA, A. J. T.; BEZERRA, J. F. R.; JORGE, M. do C. O. Recuperação de voçorocas e de áreas degradadas, no Brasil e no mundo - estudo de caso da voçoroca do Sacavém - São Luís - MA. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, [S. l.], v. 24, n. 00, 2023. DOI: <https://doi.org/10.20502/rbg.v24i00.2306>

MACHADO, L. M.; CALDERINI; P. **Percepção da Paisagem**: conceituação, observação, descrição, vivência. 1 edição. Rio Claro: Unesp/UNIVESP. 2012. Disponível em: [Acervo Digital: Percepção da paisagem, conceituação, observação, descrição, vivência - volume 9 - D22 - Unesp/UNIVESP - 1a edição 2012 graduação em Pedagogia](https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1097). Acesso em: 25 jul. 2024.

MEURER, M. Análise dos regimes de cheias dos rios Paraná e Ivinhema, na região de Porto Rico/PR. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 28, n. 2, p. 185-195, mai./ago. 2003. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1097>. Acesso em: 4 ago. 2024.

NABOZNY, A. Da paisagem como olhar do geógrafo à paisagem como olhar os olhares dos outros. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 29–42, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5902/223649947375>.

NOGUEIRA, A. R. B. Geografia e a experiência do mundo. **Geografia e a experiência do mundo**. v. 45, n. 1, jan/jun. 2020, p. 9-23. DOI: <https://doi.org/10.5016/geografia.v45i1.15396>.

PATROCÍNIO, P. R. T. Ler a cidade pela janela de um ônibus. **Revista de literatura Brasileira**. n.48. ano. 26, p.26-45, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/13296102/Ler_a_cidade_pela_janela_de_um_%C3%B3nibus. Acesso em: 20 jul. 2024.

PAIOLA, L. M.; TOMANIK, E. A. Populações tradicionais, representações sociais e preservação ambiental: um estudo sobre as perspectivas de continuidade da pesca artesanal em uma região ribeirinha do rio Paraná. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 24, p. 175-180, 25 abr. 2008. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v24i0.2434>.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANSOLO, D. G. O trabalho de campo e o ensino de geografia. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 4, n. 1, p. 135–145, 2000. DOI: [10.11606/issn.2179-0892.geousp.2000.123409](https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2000.123409).

SILVA, D. M. P. P. da; TOMANIK, E. A. Condições de vida de famílias ribeirinhas moradoras nas residências populares do município de Porto Rico, Estado do Paraná, Brasil. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, v. 33, n. 2, p. 219-229, 29 mar. 2011. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascihealthsci.v33i2.8383>

SOUZA, M. L. de. Orlando Valverde e o ofício de geógrafo : uma conversa com os jovens. In: SUERTEGARAY, D. M. A.; DE PAULA, C. Q.; PIRES, C. L. Z.; SILVA, C. A. da. (org.). **Orlando Valverde**: o geógrafo e sua obra. Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2017. p. 11-40.

Como citar este artigo:

REIS, Francisca da Silva; LOHMANN, Marciel; ROCHA, Karla da Silva; FERREIRA, Willian Henrique Kurunczi; RAMIRO, Larissa Cristina Figueiredo. Entre lampejos e caminhos: representações e experiências da paisagem do Noroeste do Paraná. **GEOGRAFIA**, Rio Claro-SP, v. 50, n. 1, p. 495-511, 2025.
DOI:

Recebido em 07 de agosto de 2024
Aceito em 12 de agosto de 2025